



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS
CAMPUS IV
DEPARTAMENTO DE AGRÁRIAS E EXATAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM AGRONOMIA**

MARIA ALANY VIEIRA DE ALMEIDA

**USO DE PLANTAS MEDICINAIS: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DE
ESTUDANTES E PROFISSIONAIS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

CATOLÉ DO ROCHA - PB

2025

MARIA ALANY VIEIRA DE ALMEIDA

**USO DE PLANTAS MEDICINAIS: UMA ANÁLISE DE PERCEPÇÃO DE
ESTUDANTES E PROFISSIONAIS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à
Coordenação do Curso de Graduação em Agronomia da
Universidade Estadual da Paraíba, como requisito principal
à obtenção do título de Bacharela em Agronomia.

Área de Concentração: Plantas Medicinais

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Lúcia Maurício da Silva

Coorientadora: Prof^a. Dr^a Dalila Regina Mota de Melo

CATOLÉ DO ROCHA - PB

2025

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A447u Almeida, Maria Alany Vieira de.

Uso de plantas medicinais [manuscrito] : uma análise da percepção de estudantes e profissionais da Universidade Estadual da Paraíba / Maria Alany Vieira de Almeida. - 2025.
30 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Agronomia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2025.

"Orientação : Prof. Dra. Maria Lucia Mauricio da Silva, Departamento de Agrárias e Exatas - CCHA".

"Coorientação: Prof. Dra. Dalila Regina Mota de Melo, Instituto Federal do Mato Grosso".

1. Conhecimento popular. 2. Espécie medicinal. 3. Medicina alternativa. I. Título

21. ed. CDD 615.321

MARIA ALANY VIEIRA DE ALMEIDA

**USO DE PLANTAS MEDICINAIS: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DE
ESTUDANTES E PROFISSIONAIS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso de
Graduação em Agronomia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito principal à
obtenção do título Bacharela em Agronomia.

Área de Concentração: Plantas Medicinais

Aprovada em: 06/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Maurício da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Danielly da Silva Lucena
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinadora

Bolsista PDJ, Dr. Paulo Cássio Alves Linhares
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinador

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Finalidade do uso das plantas medicinais pelos participantes da pesquisa. Catolé do Rocha - PB.....	16
Tabela 2	Plantas medicinais citadas pelos participantes da pesquisa, com seus respectivos nomes científicos e famílias botânicas. Catolé do Rocha - PB.....	16

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	Distribuição de faixa etária (A), gênero (B) e nível de escolaridade dos participantes da pesquisa sobre o uso de plantas medicinais. Catolé do Rocha – PB.....	13
Figura 2.	Distribuição do conhecimento (A), do uso atual (B) e do histórico de uso (C) de plantas medicinais pelos participantes da pesquisa sobre o uso de plantas medicinais. Catolé do Rocha - PB.....	14
Figura 3.	Frequência de uso (A) e percepção dos efeitos do uso (B) entre os participantes da pesquisa sobre o uso de plantas medicinais. Catolé do Rocha - PB.....	15
Figura 4.	Formas de obtenção (A) e de preparo (B) para uso, pelos participantes da pesquisa sobre o uso de plantas medicinais. Catolé do Rocha - PB.....	18
Figura 5.	Partes utilizadas da planta (A), uso simultâneo de mais de uma planta (B) e percepção sobre os riscos do uso de plantas (C) pelos participantes da pesquisa sobre o uso de plantas medicinais. Catolé do Rocha - PB.....	19
Figura 6.	Utilização pela família (A) e principais influências no uso (B) de plantas medicinais pelos participantes da pesquisa sobre o uso de plantas medicinais. Catolé do Rocha - PB.....	21
Figura 7.	Distribuição da percepção de qual faixa etária mais utiliza plantas medicinais (A), indicação de uso (B) e satisfação com o uso (C) de plantas medicinais, pelos participantes da pesquisa sobre o uso dessas plantas. Catolé do Rocha - PB.....	22

APÊNDICE

Apêndice A	Questionário: levantamento popular na comunidade acadêmica sobre o conhecimento e o uso de plantas medicinais	27
Apêndice B	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).....	29

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	09
2.	METODOLOGIA.....	11
2.1	Coleta de dados e público alvo.....	11
2.2	Análise de dados.....	11
4.	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	12
5.	CONCLUSÕES.....	23
	REFERÊNCIAS.....	24
	APÊNDICE	27

USO DE PLANTAS MEDICINAIS: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES E PROFISSIONAIS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

USE OF MEDICINAL PLANTS: AN ANALYSIS OF THE PERCEPTION OF STUDENTS AND PROFESSIONALS AT THE STATE UNIVERSITY OF PARAÍBA

MARIA ALANY VIEIRA DE ALMEIDA*

MARIA LÚCIA MAURÍCIO DA SILVA**

RESUMO

O uso popular de plantas medicinais é uma prática que acompanha o ser humano desde os primórdios da civilização, sendo fundamentada no acúmulo de informações repassadas oralmente através de sucessivas gerações. O objetivo com esse trabalho foi conhecer a percepção do público da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) sobre o uso de plantas medicinais. Os dados foram coletados através de questionários elaborados na plataforma virtual Google Forms. Os participantes foram alunos e docentes dos cursos: Técnico em Agropecuária, Bacharelado em Agronomia, Licenciatura em Letras e em Ciências Biológicas, além de servidores da UEPB, Campus IV, em Catolé do Rocha, no Sertão paraibano. Ao todo, 70 pessoas responderam ao questionário, no qual 52,9% são mulheres e 47,1% são homens, com idade entre 18 a 60 anos. Desses, 65,7% cursam ou já cursaram uma graduação; 24,3% o ensino médio; 2,9% o doutorado e 2,9% o ensino fundamental. Cerca de 97% afirmaram conhecer alguma planta medicinal e, 68,6% fazer uso para curar alguma enfermidade. Foram citadas 10 espécies, pertencentes a 6 famílias botânicas, sendo Hortelã (*Mentha crispa* L.), Camomila (*Matricaria chamomilla* L.), Erva-cidreira (*Melissa officinalis* L.), Capim-santo (*Cymbopogon citratus* (DC) Stapf) e Malvarisco (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng) mencionadas com maior frequência. Com 65,5%, as folhas são a parte mais utilizada das plantas medicinais, seguidas por raízes (14,3%), sementes (9,5%), cascas e galhos (7,1%) e flores (3,6%). Em relação à forma de uso das plantas medicinais, os chás foram os mais citados, com 78,6% e, no quesito influência, as mães foram as mais citadas com 62%. O uso de plantas medicinais é uma prática comum e amplamente reconhecida na comunidade acadêmica, visto que a grande maioria dos participantes conhece e utiliza essas plantas para tratar enfermidades. Isso ressalta a importância da valorização do conhecimento tradicional e da necessidade de mais pesquisas para garantir o uso seguro e eficaz dessas plantas.

Palavras-chave: Conhecimento popular. Espécie medicinal. Medicina alternativa.

ABSTRACT

The popular use of medicinal plants is a practice that has accompanied human beings since the dawn of civilization, and is based on the accumulation of information passed down orally through successive generations. The objective of this study was to learn about the perception of the public at the State University of Paraíba (UEPB) regarding the use of medicinal plants. The data were collected through questionnaires prepared on the Google Forms virtual platform. The participants were students and teachers from the following courses: Agricultural Technician, Bachelor's Degree in Agronomy, Bachelor's Degree in Literature and Biological Sciences, as well as staff from UEPB, Campus IV, in Catolé do Rocha, in the Paraíba backlands.

*Bacharela em Agronomia; e-mail: maria.almeida@aluno.uepb.edu.br;

**Enga. Agra., Dra. em Agronomia, professora substituta na UEPB, Campus IV, e-mail: eumaria.agronomia@gmail.com

In total, 70 people answered the questionnaire, of which 52.9% were women and 47.1% were men, aged between 18 and 60. Of these, 65.7% were studying or had already studied an undergraduate degree; 24.3% were in high school; 2.9% had a doctorate and 2.9% had primary education. Approximately 97% said they knew some medicinal plant and 68.6% used it to cure some illness. Ten species belonging to 6 botanical families were mentioned, with Mint (*Mentha crispa* L.), Chamomile (*Matricaria chamomilla* L.), Lemon balm (*Melissa officinalis* L.), Lemongrass (*Cymbopogon citratus* (DC) Stapf) and Marshmallow (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng) mentioned most frequently. With 65.5%, the leaves are the most used part of medicinal plants, followed by roots (14.3%), seeds (9.5%), bark and branches (7.1%) and flowers (3.6%). Regarding the use of medicinal plants, teas were the most cited, with 78.6%, and in terms of influence, mothers were the most cited, with 62%. The use of medicinal plants is a common practice and widely recognized in the academic community, since the vast majority of participants know and use these plants to treat illnesses. This highlights the importance of valuing traditional knowledge and the need for more research to ensure the safe and effective use of these plants.

Keywords: Medicinal species; Alternative medicine; Traditional knowledge.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos, os produtos de origem vegetal constituíram a base para tratamento de diferentes doenças no mundo (PHILLIPS; GENTRY, 1993). Nessa perspectiva, planta medicinal é toda aquela que o homem utiliza no seu cotidiano, seja ela cultivada ou silvestre, que tenha alguma substância ou material que possa ser utilizado como medicamento terapêutico (BRASIL, 2006).

No mundo, segundo dados da OMS (Organização Mundial da Saúde), cerca de 80% da população faz uso de medicamentos derivados de plantas medicinais, e desse total, pelo menos 30% receberam indicação médica. No Brasil, pesquisas demonstram que mais de 90% da população já fez uso de alguma planta medicinal (ABIFISA, 2007) e 80% utiliza produtos à base de plantas medicinais (BENJAMIN, 2022). A riqueza da diversidade vegetal brasileira contribuiu para que a utilização das plantas medicinais seja considerada uma área estratégica para o país, uma vez que cerca de 23% das espécies vegetais existentes em todo o planeta pertencem ao Brasil (BATALHA *et al.*, 2007).

O contexto brasileiro demonstra um forte vínculo entre práticas tradicionais e o uso de plantas medicinais. Comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas, entre outras, mantêm saberes transmitidos oralmente ao longo de gerações, muitos dos quais foram incorporados ao cotidiano da população. Essa tradição cultural, associada à biodiversidade, motivou a criação de políticas públicas específicas, como a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) e a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos no

Sistema Único de Saúde (SUS), que têm como objetivo “garantir à população brasileira o acesso seguro e o uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos e promover o uso sustentável da biodiversidade, o desenvolvimento da cadeia produtiva e da indústria nacional” (BRASIL, 2016) e que visam regulamentar o uso e estimular a integração entre conhecimentos tradicionais e práticas científicas, como esclarece a citação a seguir.

O campo da PNPIC contempla sistemas médicos complexos e recursos terapêuticos, os quais são também denominados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) de Medicina Tradicional e Complementar/Alternativa (MT/MCA) (WHO, 2002). Tais sistemas e recursos envolvem abordagens que buscam estimular os mecanismos naturais de prevenção de agravos e recuperação da saúde por meio de tecnologias eficazes e seguras, com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade (BRASIL, 2006, p. 13).

No meio acadêmico, observa-se um crescimento contínuo no número de estudos voltados não apenas à eficácia farmacológica das espécies medicinais, mas também à análise do contexto sociocultural em que essas práticas se desenvolvem. Cursos das áreas da saúde, biológicas e ambientais vêm promovendo ações de extensão, pesquisas etnobotânicas e atividades educativas voltadas para a valorização do conhecimento popular.

A aproximação entre ciência e saberes tradicionais amplia a base de conhecimento existente e promove o uso consciente e responsável das plantas medicinais, favorecendo práticas de cuidado mais humanizadas e sustentáveis. No entanto, vale destacar que o uso de plantas *in natura*, ou seus derivados, sem orientação médica ou farmacêutica pode causar sérios danos à saúde, devido à presença de componentes tóxicos em muitas espécies vegetais. A crença de que as plantas medicinais são inofensivas é dificilmente desmentida, isso porque as comprovações científicas de intoxicações e efeitos colaterais relacionados a uso não chegam até os usuários atendidos nos serviços de saúde pública (SILVA, 2003; SILVA *et al.*, 2006).

Sendo assim, a integração entre saberes populares e evidências científicas pode representar um importante avanço na promoção da saúde pública e no reconhecimento da biodiversidade como patrimônio cultural e terapêutico do país. Diante disso, o objetivo com este trabalho foi analisar a percepção do público do meio acadêmico da UEPB, Campus IV, sobre o uso de plantas medicinais.

2. METODOLOGIA

2.1 Coleta de dados e público alvo

A pesquisa realizada de forma online foi aplicada, exclusivamente, para o público do Centro de Ciências Humanas e Agrárias (CCHA), pertencente ao Campus IV da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), localizado no Sítio Cajueiro, zona rural de Catolé do Rocha, PB, onde são ofertados os Cursos de Bacharelado em Agronomia, Licenciatura em Ciências Biológicas e em Letras (Português) e Técnico em Agropecuária.

O referido município está inserido na Microrregião de Catolé do Rocha e Mesorregião do Sertão Paraibano, fazendo divisa com os municípios, também paraibanos, de Belém do Brejo do Cruz, Brejo do Cruz, Riacho dos Cavalos, Jericó e Brejo dos Santos, além dos municípios de Almino Afonso, Patu e João Dias, pertencentes ao Estado do Rio Grande do Norte.

A coleta dos dados ocorreu no período de setembro de 2024 a março de 2025, por meio de formulário online, elaborados na plataforma virtual Google Forms, utilizando-se o método indutivo e, como instrumento de pesquisa, foi aplicado um questionário contendo 21 perguntas (Apêndice A).

No primeiro contato com os entrevistados foram apresentadas a finalidade, os objetivos e as intenções da pesquisa, para que o colaborador participasse voluntariamente, deixando claro que a participação era livre e espontânea, e que poderiam desistir a qualquer momento. Após a confirmação da disponibilidade em participar, o link do questionário (Apêndice A) foi enviado via WhatsApp de forma individual ou de forma coletiva nos grupos de alunos.

No que se refere à participação de menores de idade na pesquisa, especificamente aqueles com idade a partir de 15 anos, foram observados todos os princípios éticos exigidos para estudos com seres humanos. Para garantir a legalidade e a segurança da participação desses indivíduos, foi utilizado um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (Apêndice B), devidamente apresentado e assinado pelos seus responsáveis legais. A aplicação do termo visou assegurar que os responsáveis estivessem cientes dos objetivos da pesquisa e autorizassem, de forma consciente, a participação dos menores. Esse procedimento seguiu as diretrizes estabelecidas pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

2.2. Análise dos dados

Após a coleta, os dados foram organizados em categorias e tabulados por temática em planilha Microsoft Excel 2016, analisando-os de forma qualitativa e quantitativa, sendo os percentuais calculados em relação ao número de alternativas disponíveis a cada questão formulada e ao número de entrevistados que optaram pela alternativa em foco. As respostas foram analisadas através de estatística descritiva, interpretadas e representadas por meio de tabelas ou de gráficos plotados na plataforma digital Google Forms, dando-se ênfase ao tema do estudo, relacionado a percepções, hábitos e saberes populares sobre o uso de plantas medicinais.

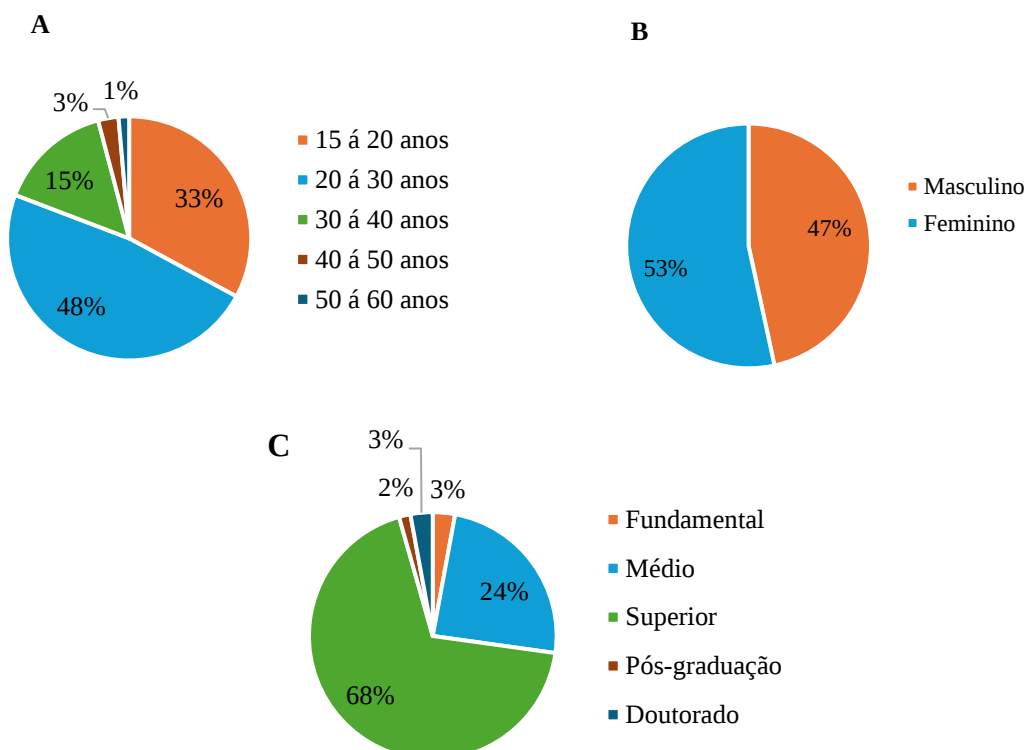
Dessa forma, o estudo adotou uma abordagem mista, utilizando técnicas quantitativas para interpretar informações de caráter qualitativo e, consequentemente, enriquecer a compreensão dos dados e contribuir para uma análise mais completa do fenômeno investigado. Além disso, os nomes científicos das espécies citadas foram revisados de acordo com a Lista de Espécies da Flora do Brasil Online (FORZZA *et al.*, 2024).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do perfil dos participantes revelou dados importantes em relação à faixa etária, gênero e nível de escolaridade. Na Figura 1A, observa-se que, a maioria dos respondentes (48%) se encontra na faixa etária de 20 a 30 anos, destacando-se em seguida, a faixa etária de 15 a 20 anos, com 33% e, as demais, apresentando percentuais menores: 30 a 40 anos (15%), 40 a 50 anos (3%) e, de 50 a 60 anos, com apenas 1%. Em relação ao gênero dos participantes (Figura 1B), verifica-se uma leve predominância do público feminino, que corresponde a 53% da amostra, enquanto o público masculino representa 47%.

Quanto ao nível de escolaridade dos participantes (Figura 1C), observou-se que a maioria dos respondentes (68%) cursa ou já concluiu o ensino superior, enquanto 24% declararam está concluindo ou já terem concluído o ensino médio. Já os níveis mais elevados de escolaridade aparecem em menor proporção: 3% afirmaram possuir pós-graduação a nível de especialização ou mestrado e, 2% doutorado. Apenas 3% indicaram o ensino fundamental como o nível mais alto de formação.

Figura 1. Distribuição de faixa etária (A), gênero (B) e nível de escolaridade dos participantes da pesquisa sobre o uso de plantas medicinais. Catolé do Rocha - PB.

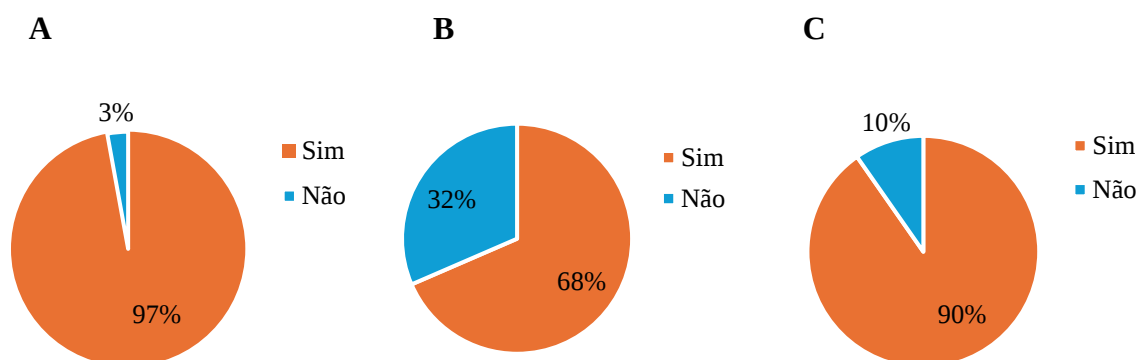


Fonte: Autora (2025).

Os dados indicam um público com nível elevado de instrução, o que, provavelmente, influencia sua compreensão e posicionamento em relação aos temas da pesquisa. A experiência predominante no ensino superior sugere acesso ampliado à informação, além de uma capacidade crítica e analítica que contribui para a confiabilidade dos dados obtidos.

Ao serem questionados sobre plantas medicinais, cerca de 97% dos participantes afirmaram conhecer alguma planta medicinal, enquanto apenas 3% relataram não possuir tal conhecimento (Figura 2A). Quanto ao uso, 68% dos participantes relataram fazer uso de alguma planta medicinal, enquanto 32% afirmaram que não utilizam (Figura 2B). Porém, observa-se que, entre aqueles que não fazem uso atualmente, 90% já utilizaram em algum momento da vida, o que reforça a ideia de que as plantas medicinais são amplamente conhecidas e, em certa medida, experimentadas pela população (Figura 2C).

Figura 2: Distribuição do conhecimento (A), do uso atual (B) e do histórico de uso (C) de plantas medicinais pelos participantes da pesquisa sobre o uso de plantas medicinais. Catolé do Rocha - PB.



Fonte: Autora (2025).

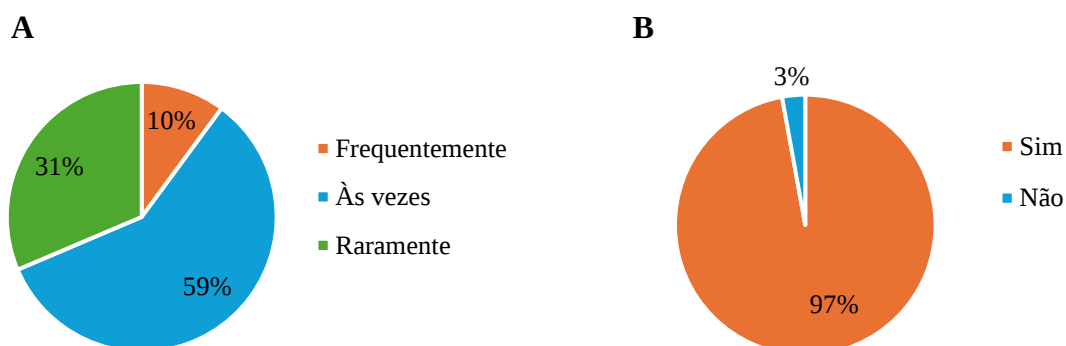
Estes resultados evidenciam o elevado percentual de acadêmicos que conhecem plantas medicinais e apontam para a permanência e valorização do conhecimento tradicional, mesmo em ambientes de formação técnico-científica. Além disso, pode-se inferir que no meio acadêmico há uma abertura para práticas terapêuticas alternativas e complementares, o que vai ao encontro das diretrizes da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), no Sistema Único de Saúde (BRASIL, 2015), que estimula a integração de terapias naturais à saúde convencional.

O baixo percentual (3%) de participantes que afirmaram não conhecer plantas medicinais pode estar relacionado a fatores como a urbanização ou a priorização exclusiva de práticas biomédicas, conforme discutido por Oliveira *et al.* (2017). No entanto, a predominância do conhecimento indica que, mesmo com o avanço tecnológico e científico, o uso de plantas medicinais continua sendo percebido como uma prática válida e relevante.

Esse resultado pode ser explicado pelo fato de que o uso de plantas medicinais, muitas vezes, ocorre de forma intermitente, relacionado a condições específicas de saúde do indivíduo (PANIZZA, 2015). Além disso, o abandono do uso pode ser explicado pela urbanização e pela crescente confiança na medicina convencional (LORENZI; MATOS, 2002).

Quando questionados sobre a frequência de uso, a maioria dos participantes (59%) afirmou utilizar plantas medicinais ocasionalmente, 31% raramente e apenas 10% frequentemente (Figura 3A). A grande maioria dos participantes (97%) afirmou sentir alguma diferença após o uso de plantas medicinais, enquanto apenas 3% relataram não perceber qualquer efeito (Figura 3B).

Figura 3: Frequência de uso (A) e percepção dos efeitos do uso (B) entre os participantes da pesquisa sobre o uso de plantas medicinais. Catolé do Rocha - PB.



Fonte: Autora (2025).

Esses resultados sugerem que, embora o uso de plantas medicinais seja comum, este se dá, majoritariamente, em situações pontuais, provavelmente relacionadas a sintomas leves ou específicos.

A forte memória cultural sobre o uso de plantas medicinais é um fator importante, como destaca Veiga Junior *et al.* (2005), que mesmo em contextos urbanos, o saber popular sobre plantas medicinais persiste, ainda que seu uso diminua na prática cotidiana. A substituição gradual do uso de plantas por medicamentos industrializados também reflete a busca por soluções consideradas mais rápidas e seguras (CALIXTO, 2000). Esses dados reforçam a necessidade de políticas de educação e incentivo ao uso seguro das plantas medicinais, para que essa prática tradicional não seja extinta, mas sim, aprimorada com base científica (FERREIRA; FERNADES; MOURA, 2019).

Os dados são expressivos e indicam um alto grau de percepção de eficácia por parte dos usuários. Essa percepção positiva pode ser interpretada como um reflexo da confiança cultural e tradicional depositada no uso das plantas medicinais. Muitos entrevistados podem associar os efeitos percebidos não apenas a resultados fisiológicos objetivos, mas também ao componente subjetivo da experiência, o que inclui fatores como alívio simbólico, sensação de cuidado ou bem-estar proporcionado pelo ritual do uso da planta (SILVA; SILVA, 2021).

Além disso, esses resultados indicam uma possível lacuna entre as práticas populares e o sistema de saúde formal. A maioria dos usuários relata benefícios, o que evidencia o valor que essas práticas possuem dentro do contexto sociocultural local (PATRÍCIO *et al.*, 2022).

Quando questionados sobre a finalidade do uso (Tabela 1), a maioria dos participantes relatou utilizar plantas para tratar problemas intestinais (24,5%), seguido por gripes e resfriados

(20,8%), com finalidade anti-inflamatória (15,1%), calmante (13,2%), para alívio de dores diversas (13,2%), tratamento capilar (7,5%) e machucados (5,7%).

Tabela 1: Finalidade do uso das plantas medicinais pelos participantes da pesquisa. Catolé do Rocha - PB.

Finalidade do uso das plantas medicinais	Frequência (%)
Problemas intestinais	24,5
Gripe	20,8
Anti-inflamatório	15,1
Dores diversas	13,2
Calmante	13,2
Tratamento capilar	7,5
Machucados	5,7

Fonte: Autora (2025).

Na Tabela 2 encontram-se as principais plantas medicinais citadas pelos participantes da pesquisa, com seus respectivos nomes científicos e famílias botânicas. Essa lista foi organizada em ordem decrescente, conforme a frequência de citação pelos participantes e, os nomes científicos foram conferidos pelo site Flora do Brasil 2020.

Tabela 2: Plantas medicinais citadas pelos participantes da pesquisa, com seus respectivos nomes científicos e famílias botânicas e, a frequência em que foram citadas. Catolé do Rocha – PB.

Nome Popular	Nome Científico	Família Botânica	Frequência (%)
Hortelã	<i>Mentha crispa</i> L.	Lamiaceae	19,5
Boldo	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Lamiaceae	15,3
Camomila	<i>Matricaria recutita</i> L. Rauschert.	Asteraceae	14,4
Erva cidreira	<i>Melissa officinalis</i> L.	Lamiaceae	12,7
Capim santo	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC) Stapf	Poaceae	9,3
Malvarisco	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng	Lamiaceae	8,5
Erva doce	<i>Pimpinella anisum</i> L.	Apiaceae	5,9
Babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Asphodelaceae	5,9
Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Chenopodiaceae	4,2
Alecrim	<i>Salvia rosmarinus</i> Schleid	Lamiaceae	4,2

Fonte: Autora (2025).

Essa ordenação permite identificar quais espécies possuem maior representatividade no uso popular, revelando preferências culturais e padrões de cuidado tradicionais dentro da comunidade estudada. A análise em relação a essas plantas medicinais revela um amplo conhecimento tradicional sobre espécies vegetais com propriedades terapêuticas. Observa-se a predominância de plantas amplamente conhecidas no contexto popular, como hortelã, boldo, camomila, erva-cidreira e capim-santo, o que demonstra a persistência e valorização do saber empírico transmitido entre gerações.

A *Mentha crispa* L. (Lamiaceae) popularmente conhecida como hortelã é caracterizada por suas folhas onduladas ou enroladas e aroma distinto, sendo uma planta perene e aromática (ALMEIDA, 1993). Provavelmente, foi mencionada por ser tradicionalmente empregada no alívio de sintomas gastrointestinais e respiratórios, devido às suas propriedades digestivas, antiespasmódicas e descongestionantes. Já o boldo (*Plectranthus barbatus* Andrews) é comumente utilizado como hepatoprotetor e digestivo, sendo uma das plantas mais associadas ao tratamento de distúrbios intestinais, o que corrobora os dados apresentados na tabela anterior.

A presença da camomila [*Matricaria recutita* (L.) Rauschert] e da erva-cidreira (*Melissa officinalis* L.) indica o uso frequente de plantas com propriedades calmantes e ansiolíticas, refletindo o papel da fitoterapia na regulação emocional e no alívio da insônia e da ansiedade (MARTINS *et al.*, 2000). Do mesmo modo, o capim-santo [*Cymbopogon citratus* (DC) Stapf] também é amplamente reconhecido por seu efeito calmante e levemente analgésico, sendo utilizado em infusões para relaxamento e controle de dores leves.

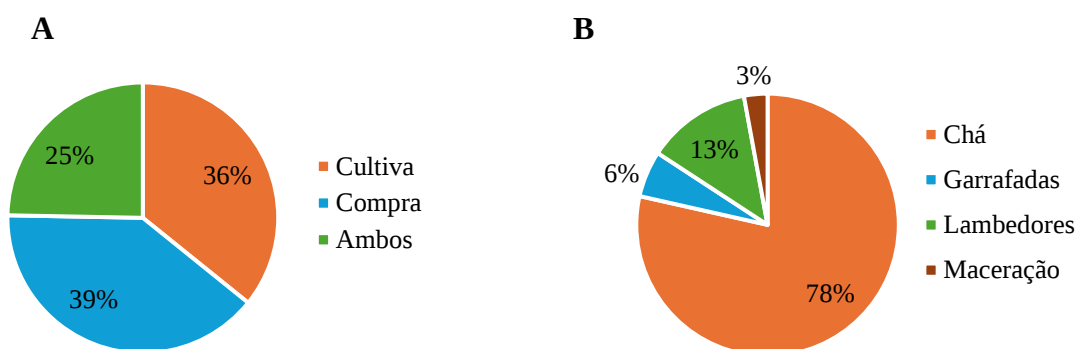
Outras espécies mencionadas, como o malvarisco [*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng] e a erva-doce (*Pimpinella anisum* L.) são comumente empregadas para alívio de tosse, gases e cólicas. A babosa [*Aloe vera* (L.) Burm. f.], por sua vez, destaca-se por suas propriedades cicatrizantes, hidratantes e regeneradoras, sendo frequentemente usada em tratamentos capilares e de lesões cutâneas (FREITAS; RODRIGUES; GASPI, 2014). O mastruz [*Chenopodium ambrosioides* (Lour.) Spreng] aparece como uma planta versátil, tradicionalmente utilizada no tratamento de verminoses, contusões e inflamações. Já a espécie *Salvia rosmarinus* Schleid, conhecida como alecrim, possui ação anti-inflamatória, antioxidante e estimulante, sendo empregado tanto na culinária quanto em preparações medicinais (LORENZI; MATOS, 2006).

Essa variedade de espécies citadas reforça a importância do conhecimento popular na manutenção da saúde, sobretudo em comunidades com acesso limitado à medicina convencional. Além disso, evidencia a relevância de estudos etnobotânicos para a valorização e preservação desses saberes, bem como para a possível validação científica de suas aplicações terapêuticas.

Com relação à forma de obtenção dessas plantas medicinais (Figura 4A), observou-se que 39% dos entrevistados costumam comprá-las, 36% as cultivam, e 25% fazem ambas as práticas. Esse cenário indica uma relação equilibrada entre a autonomia no cultivo doméstico e o acesso facilitado por meio da compra em feiras, mercados locais ou de fornecedores informais. Já em relação às formas de preparo relatadas pelos participantes, o chá se destacou

com 78% das respostas, seguido por lambedor (13%), garrafada (6%) e maceração (3%) (Figura 4B).

Figura 4: Formas de obtenção (A) e de preparo (B) para uso, pelos participantes da pesquisa sobre o uso de plantas medicinais. Catolé do Rocha - PB.



Fonte: Autora (2025)

O cultivo próprio está associado ao conhecimento tradicional, ao interesse por práticas mais naturais e ao desejo de controle sobre o que é consumido. Já a compra pode estar relacionada à praticidade e à impossibilidade de cultivar determinadas espécies em ambientes urbanos. Conforme aponta Silva, Gomes e Lima (2020), o acesso a plantas medicinais, tanto por meio do cultivo quanto da compra, evidencia a continuidade do uso tradicional mesmo em ambientes urbanos, representando uma ponte importante entre o saber ancestral e o contexto contemporâneo.

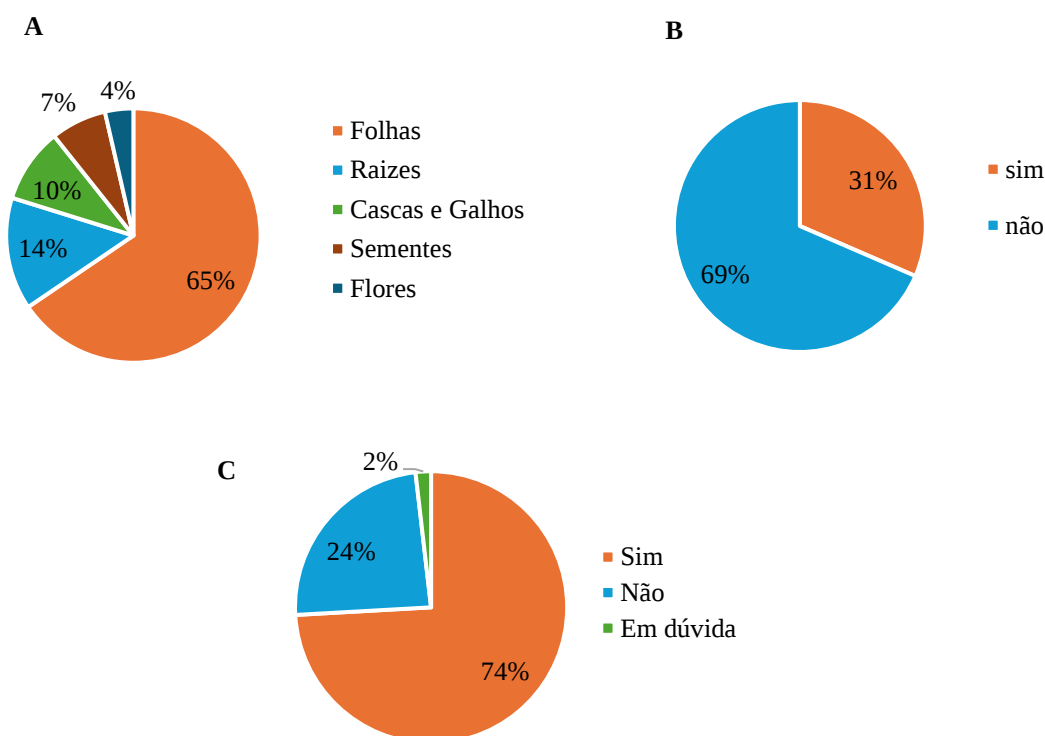
A preferência por chás pode ser explicada pela facilidade de preparo, acessibilidade dos ingredientes e ampla difusão cultural. Para além de sua funcionalidade, o chá representa uma prática carregada de simbolismo e afeto. A infusão é uma das formas mais eficazes de extração dos princípios ativos das plantas, além de ser tradicionalmente associada ao cuidado familiar e à transmissão de saberes entre gerações (Fonseca; Souza, 2017).

O uso do chá, no entanto, não se limita ao contexto brasileiro. Trata-se de uma prática presente em diversas culturas ao redor do mundo, com destaque para países asiáticos, africanos e latino-americanos, onde as infusões são utilizadas tanto com fins terapêuticos quanto sociais e religiosos, além de ser um acalento em dias chuvosos e frios para muitas pessoas. Desse modo, essa presença global reforça o valor do chá como uma das formas mais universais e acessíveis de uso das plantas medicinais.

Já em relação as partes da planta utilizadas (Figura 5A), observou-se que, as folhas são a parte mais utilizada (65%) pelos participantes, seguidas por raízes (14%), cascas e galhos

(10%), sementes (7%) e flores (4%). Em relação ao uso simultâneo de mais de uma planta (Figura 5B), 69% dos participantes afirmaram que utilizam, enquanto 31% responderam que não misturam plantas diferentes. Entretanto, quando questionados se as plantas medicinais poderiam causar algum mal, a maioria dos entrevistados (74%) reconheceu essa possibilidade, porém 24% acreditam que não e, 2% declararam estar em dúvida (Figura 5C).

Figura 5: Partes utilizadas da planta (A), uso simultâneo de mais de uma planta (B) e percepção sobre os riscos do uso de plantas (C) pelos participantes da pesquisa sobre o uso de plantas medicinais. Catolé do Rocha - PB.



Fonte: Autora (2025).

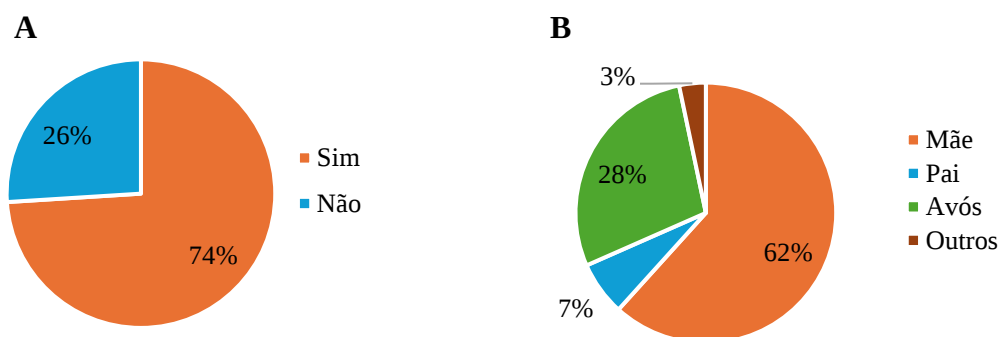
Essa predominância de uso das folhas pode estar associada à facilidade de obtenção e à disponibilidade sazonal. Além disso, é sabido que as folhas apresentam alta concentração de substâncias como flavonoides, taninos e óleos essenciais, o que justifica seu uso frequente em práticas terapêuticas. Outro fator que pode favorecer o uso das folhas, é que sua manipulação costuma ser simples, facilitando o preparo e aplicação. Então, a escolha pelas folhas revela não apenas uma preferência prática, mas também a permanência de saberes tradicionais que identificam as partes mais eficazes para serem utilizadas. Essa observação amplia a compreensão sobre o uso popular das plantas medicinais e reforça o valor do conhecimento empírico no cuidado à saúde.

Já o uso combinado de espécies vegetais é uma prática tradicional bastante difundida e frequentemente utilizada, com o objetivo de potencializar os efeitos terapêuticos ou tratar múltiplos sintomas de forma integrada ou mesmo por ser uma prática milenar em diversas culturas. Contudo, como alertam Veiga Júnior; Pinto e Maciel (2005), a combinação de plantas pode gerar interações fitoterápicas indesejadas, resultando em efeitos adversos, redução da eficácia e até toxicidade. Essa prática é, muitas vezes, sustentada pela crença de que, por serem naturais, as plantas são sempre seguras, o que nem sempre é verdade. Muitas pessoas tendem a subestimar os riscos potenciais do uso concomitante de fitoterápicos com medicamentos alopáticos, o que pode levar a interações perigosas.

Ressalta-se que, embora o uso dessas plantas possa trazer benefícios significativos, é imprescindível o uso consciente e respaldado por orientação técnica para garantir sua segurança e eficácia (RATES, 2001). A percepção demonstrada pelos participantes indica um avanço na conscientização sobre os limites do saber tradicional, reforçando a importância da educação em saúde e do acompanhamento por profissionais de saúde habilitados em fitoterapia para garantir o uso seguro das plantas medicinais.

Sobre o uso coletivo de plantas medicinais no ambiente domiciliar, observou-se que 74% dos entrevistados afirmaram que todos os membros de sua residência fazem o uso de algumas dessas plantas, enquanto 26% responderam negativamente (Figura 6A). Verificou-se nas respostas a inclusão apenas de figuras familiares, nesse sentido, a influência ao uso ou manejo de preparação de plantas medicinais é predominantemente pela mãe (62%) e, em menor quantidade pelos avós (28%) e, pelo pai (7%) (Figura 6B).

Figura 6: Utilização pela família (A) e principais influências no uso (B) de plantas medicinais pelos participantes da pesquisa sobre o uso de plantas medicinais. Catolé do Rocha - PB.



Fonte: Autora (2025).

Esses resultados evidenciam o caráter comunitário e familiar do uso de plantas medicinais, indicando que essa prática ultrapassa o nível individual e está profundamente inserido na dinâmica cotidiana das famílias. Esse comportamento reforça o papel da família como principal transmissora do conhecimento tradicional relacionado ao uso das plantas. Além disso, evidencia a forte presença materna na transmissão de saberes e práticas relacionadas ao uso dessas terapias. Essa tendência reflete a confiança e proximidade que os indivíduos mantêm com suas mães, geralmente responsáveis pelo cuidado da saúde e bem-estar da família.

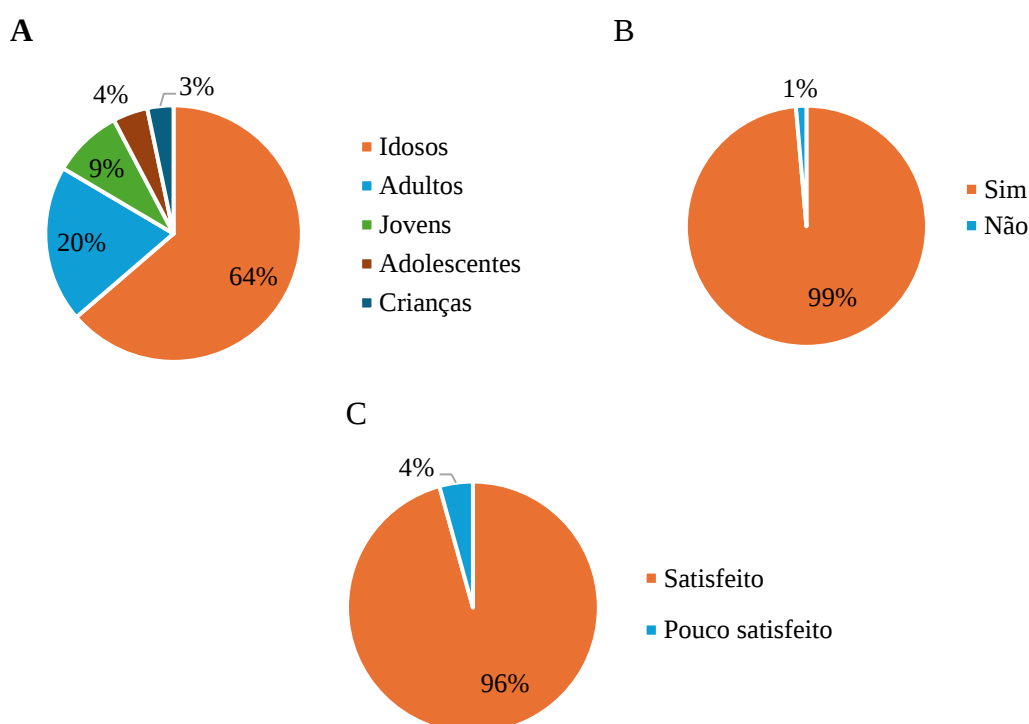
Historicamente as mulheres exercem o papel de cuidadoras no ambiente doméstico, o que as aproxima do uso e da valorização de terapias alternativas, como as plantas medicinais (SCHRAIBER; TEIXEIRA, 2008). Além disso, o uso de plantas medicinais é mais comum entre mulheres, especialmente por sua ligação com o autocuidado e a prevenção de doenças no contexto familiar, o que as torna fontes confiáveis de informação e orientação para os demais membros da casa (DIAS; MOREIRA; PEREIRA, 2019). A influência significativa dos avós, por sua vez, ressalta o papel da família na preservação e na transmissão intergeracional de práticas culturais e de saúde.

Nesse contexto, o ambiente familiar configura-se como um espaço privilegiado de aprendizagem informal. Como afirma Amorozo (2002), o saber etnobotânico é frequentemente perpetuado de forma oral e prática, sendo compartilhado entre gerações. Essa transmissão contínua contribui para a incorporação do uso das plantas medicinais desde a infância, consolidando-as como parte da rotina de cuidado com a saúde.

Quando os participantes foram indagados sobre quais faixas etárias mais fazem uso de plantas medicinais (Figura 7A), os participantes apontaram, majoritariamente, os idosos (64%) como principais usuários. As demais faixas etárias obtiveram porcentagens bem menores: adultos (20%), jovens (9%), adolescentes (4%) e crianças (3%). Quando questionados se

indicariam o uso de plantas medicinais para outras pessoas (Figura 7B), 99% dos participantes responderam que sim, evidenciando uma forte confiança na eficácia e segurança dessas práticas terapêuticas. Já em relação à satisfação com o uso de plantas medicinais, 96% dos participantes declararam-se satisfeitos (Figura 7C).

Figura 7: Distribuição da percepção de qual faixa etária mais utiliza plantas medicinais (A), indicação de uso (B) e satisfação com o uso (C) de plantas medicinais, pelos participantes da pesquisa sobre o uso dessas plantas. Catolé do Rocha - PB.



Fonte: Autora (2025).

Os resultados obtidos com essa pesquisa corroboram com estudos que destacam os idosos como os principais detentores e praticantes do conhecimento tradicional sobre o uso de plantas medicinais. Segundo Ferreira *et al.* (2020), essa população tende a recorrer mais frequentemente a práticas naturais, tanto por fatores culturais quanto pela experiência acumulada ao longo da vida. O predomínio dessa percepção entre os respondentes também sinaliza uma possível lacuna geracional na transmissão de conhecimentos etnobotânicos. Como observam Lins Neto, Peroni e Albuquerque (2012), o distanciamento das gerações mais jovens em relação a práticas tradicionais pode levar à gradual perda desse saber, o que reforça a importância de políticas públicas voltadas à valorização e preservação desses conhecimentos.

O uso de plantas medicinais, além de estar enraizado na cultura popular, é frequentemente associado a experiências positivas e à sensação de autonomia no cuidado com

a saúde (LIMA; OLIVEIRA; SANTOS, 2020). A indicação a terceiros pode também refletir um reconhecimento coletivo do valor terapêutico dessas práticas, mesmo entre indivíduos que eventualmente conciliam o uso com tratamentos convencionais.

Além disso, esses dados reforçam a ideia de que, para a maioria dos usuários, essas práticas cumprem suas finalidades terapêuticas e promovem bem-estar. Como pontua Luz (2005), a satisfação com o uso de terapias naturais está frequentemente relacionada à valorização do saber tradicional e à percepção de que os tratamentos são menos agressivos ao organismo.

A elevada taxa de satisfação e de recomendação entre os participantes também pode ser interpretada como um indicativo da continuidade e da valorização do conhecimento etnobotânico. Assim, os dados evidenciam não apenas uma ampla aceitação, mas também um comprometimento coletivo com a continuidade do uso de plantas medicinais no cotidiano acadêmico, reforçando a importância de se integrar saberes populares ao debate científico sobre saúde.

5. CONCLUSÕES

O uso de plantas medicinais permanece como uma prática significativa mesmo em ambiente acadêmico, sendo fortemente influenciado por aspectos culturais, sociais e familiares.

A maioria do público acadêmico utiliza ou já utilizou plantas medicinais para o tratamento de alguma doença, demonstrando a relevância e a atualidade dos saberes tradicionais.

As mulheres, especialmente as mães, e os idosos exercem um papel central na transmissão desses conhecimentos, atuando como referências e mantenedores de práticas que muitas vezes atravessam gerações.

Há uma convivência entre o conhecimento tradicional e o científico, demonstrando a possibilidade de integração entre diferentes formas de entender e cuidar da saúde. E, portanto, ações educativas, projetos interdisciplinares e políticas públicas voltadas à promoção do uso consciente e seguro das plantas medicinais, podem promover essa interrelação.

O fortalecimento do diálogo entre tradição e ciência é fundamental para a construção de práticas mais seguras e respeitadas, que considerem a diversidade de saberes e contribuam para a valorização da cultura local e para a formação de uma comunidade acadêmica mais informada e consciente.

REFERÊNCIAS

- ABIFISA. Associação Brasileira das Empresas do Setor Fitoterápico, Suplemento Alimentar de Promoção da Saúde. **Plantas medicinais**. Disponível em: <https://abifisa.org.br> Acesso em: 20/12/2024.
- ALMEIDA, E. R. **Plantas medicinais brasileiras: conhecimento popular e científico**. São Paulo: Editora: Henus Ltda. 1993.
- AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. **Caderno de Saúde Pública**, v. 18, n. 5, p. 147-157, 2002.
- BATALHA, M. O. *et al.* Plantas medicinais no Estado de São Paulo: situação atual, perspectivas e entraves ao desenvolvimento. Disponível em: http://www.sisflor.org.br/fe15_4.asp. Acesso em: 29 jul 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. **Brasília: Ministério da Saúde**, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: PNPIC-SUS. 2. Ed. **Brasília: Ministério da Saúde**, 2015.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica**. - Brasília: Ministério da Saúde, 2016.
- CALIXTO, J. B. Efficacy, safety, quality control, marketing and regulatory guidelines for herbal medicines (phytotherapeutic agents). **Brazilian Journal of Medical and Biological Research**, v. 33, n. 2, p. 179-189, 2000.
- DIAS, R. I.; MOREIRA, L. F. P.; PEREIRA, A. F. Práticas de uso de plantas medicinais no contexto doméstico: um estudo com mulheres usuárias do SUS. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 21, n. 4, p. 374-382, 2019.
- FERREIRA, M. *et al.* Introdução e condução dos métodos mistos de pesquisa em educação física. **Pensar a Prática**, v. 23, e59905, 2020.
- FERREIRA, P. M. P.; FERNANDES, J. M.; MOURA, L. F. Plantas medicinais: uma análise das perspectivas científicas atuais. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 21, n. 2, p. 123-131, 2019.
- FONSECA, S. A.; SOUZA, T. P. A fitoterapia no cotidiano: práticas, saberes e cuidados. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 19, n. 3, p. 452-460, 2017.
- FORZZA, R. *et al.* Lista das Espécies da Flora do Brasil. Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: Acesso em: 01 abr 2024.
- FREITAS, V. S.; RODRIGUES, R. A. F.; GASPI, F. O. G. **Propriedades farmacológicas da Aloe vera (L) Burm. F.** Revista brasileira de plantas medicinais. v. 16, n 2, p. 299-307. Campinas. 2014.
- GILBERT, B. **Monografias de Plantas Medicinais Brasileiras e Aclimatada.**: vol. II/BENJAMIN, G., ALVES, L. F.; FAVORETO, R. F. Rio de Janeiro: Abifisa/Editora Fiocruz, 2022. 291p.: il.
- LIMA, T. C.; OLIVEIRA, A. R. S.; SANTOS, J. M. O uso de plantas medicinais na contemporaneidade: práticas de cuidado e resistência cultural. **Revista Interfaces Científicas: Saúde e Ambiente**, v. 8, n. 2, p. 34-44, 2020.
- LINS NETO, E. M. F.; PERONI, N.; ALBUQUERQUE, U. P. Traditional knowledge and management of medicinal plants in the semi-arid region of northeastern Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 8, n. 1, p. 1-12, 2012.
- LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**/ Francisco José de Abreu Matos. Primeira edição. Instituto Plantarum. Nova Odessa. 2006.

- LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002.
- LUZ, M. T. Cultura contemporânea e medicinas alternativas: novos paradigmas em saúde no século XXI. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, n. 2, p. 385-393, 2005.
- MARTINS, E. R. *et al.* **Plantas medicinais**. Viçosa: UFV. 220 p. 2000.
- OLIVEIRA, F. Q. P.; ANDRADE, T. M.; LIMA, S. G. Conhecimento e uso de plantas medicinais por estudantes universitários. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 19, n. 1, p. 34-40, 2017.
- PANIZZA, S. Fitoterapia: vade-mécum de plantas medicinais. **São Paulo: Robe Editorial**, 2015.
- PATRÍCIO, K. P. *et al.* O uso de plantas medicinais na atenção primária à saúde: revisão integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 2, p. 677-686, 2022.
- PHILLIPS, O.; GENTRY, A. H. The useful plants of tambopata, peru: ii. Additional hypothesis testing in quantitative ethnobotany. **Economic Botany**, v. 47, n. 1, p. 33-43, 1993.
- RATES, S. M. K. Plantas medicinais: do conhecimento popular à prova científica. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 6, n. 1, p. 13-28, 2001.
- SCHRAIBER, L. B.; TEIXEIRA, C. F. Mulheres e práticas de cuidado: aproximações e distanciamentos entre saberes e fazeres populares e profissionais. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, supl. 2, p. 283-293, 2008.
- SILVA, M. A.; SILVA, M. A. Plantas medicinais: uma abordagem sobre o uso seguro e racional. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 31, n. 2, e310218, 2021.
- SILVA, T. C.; GOMES, I. F.; LIMA, K. M. O uso de plantas medicinais no contexto urbano: saberes tradicionais em territórios populares. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 22, n. 1, p. 27-35, 2020.
- VEIGA JÚNIOR, V. F.; PINTO, A. C.; MACIEL, M. A. M. Plantas medicinais: cura segura? **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 15, n. 1, p. 68-72, 2005.
- WHO. World Health Organization. (2002). **International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems (ICD)**. Disponível em: <<https://www.who.int/standards/classifications/classification-of-diseases>>. Acesso em 28 jul 2025.

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE AGRÁRIAS E EXATAS
BACHARELADO EM AGRONOMIA
ORIENTADORA: MARIA LÚCIA MAURÍCIO DA SILVA
COORDENADORA: DALILA REGINA MOTA DE MELO
DISCENTE: MARIA ALANY VIEIRA DE ALMEIDA

LEVANTAMENTO POPULAR NA COMUNIDADE ACADÊMICA SOBRE O CONHECIMENTO E O USO DE PLANTAS MEDICINAIS

IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Faixa Etária:

Gênero: () Masculino () Feminino

Nível de Escolaridade:

QUESTIONÁRIO

- 1) Você conhece alguma planta medicinal?
- 2) Faz uso de alguma planta medicinal?
- 3) Se sim, quais são as plantas medicinais utilizadas?
- 4) Caso não faça uso, mas já fez alguma vez?
- 5) Com que frequência você utiliza as plantas medicinais utilizadas?
 - a) Frequentemente
 - b) Às vezes
 - c) Raramente
- 6) Para qual utilidade você utiliza as plantas medicinais utilizadas?
- 7) Sente alguma diferença após o uso da mesma? Cite exemplo.

8) Você cultiva ou compra as plantas medicinais?

9) Como você faz o preparo das plantas medicinais? Por exemplo, faz o chá, garrafadas, maceração.

10) Quais as partes da planta que você costuma utilizar? Por exemplo, raiz, folha, semente.

11) Você utiliza mais de uma planta ao mesmo tempo? Se sim, dê algum exemplo.

12) Todos na sua casa fazem uso de plantas medicinais?

13) Quem te influenciou a fazer o uso das plantas medicinais?

() Mãe () Pai Outros: _____

14) Você acha que as plantas medicinais também podem fazer mal? Se sim, como por exemplo?

15) Você indicaria as plantas medicinais para alguém?

16) O quão satisfeita (o) você fica utilizando as plantas medicinais?

17) Quem você acha que faz uso dessas plantas? Por exemplo, idosos, jovens, adolescentes ou crianças.

APÊNDICE B

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE

Título da Pesquisa: “Uso de plantas medicinais: uma análise da percepção de estudantes e profissionais da Universidade Estadual da Paraíba”.

Pesquisadora: Maria Alany Vieira de Almeida

Prezado (a) responsável pelo (a) estudante menor de dezoito anos, você está sendo convidado (a) a assinar a autorização que permita a participação dele (a) na pesquisa sobre o uso de plantas medicinais, que está sendo desenvolvida pela graduanda em Agronomia, Maria Alany Vieira de Almeida, sob orientação da Profa. Dra. Maria Lúcia Maurício da Silva e coorientação da Dra. Dalila Regina Mota de Melo. Esta pesquisa tem por objetivo analisar a percepção do público do meio acadêmico da Universidade Estadual da Paraíba sobre o uso de plantas medicinais. Esclarecemos que a participação não é obrigatória, portanto, o presente estudo não se propõe a fazer qualquer intervenção direta na realidade dos voluntários, uma vez que, a participação deles irá consistir, apenas, em fornecer informações respondendo um questionário. O estudante menor não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, além disso, também será assegurado aos participantes o total anonimato.

Dessa forma, entende-se que os riscos físicos, psicológicos, espirituais, morais, familiares, financeiros ou de qualquer outra espécie são mínimos. Como benefícios, confia-se que essa pesquisa traga resultados que ocasionarão em contribuições científicas e para futuras publicações. Solicitamos a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo no Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo). Por ocasião da publicação dos resultados, o nome será mantido em total sigilo, conforme a Lei Geral de Proteção de Dados (Lei nº 13.709/2018).

A pesquisadora e a orientadora, supracitadas, estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa por meio dos e-mails: maria.almeida@aluno.uepb.edu.br (graduanda) e eumaria.agronomia@gmail.com (orientadora). Ao selecionar a opção “concordo” e preencher os seus dados, o Sr. (a) estará concordando que seu filho (a) ou o menor sob sua responsabilidade possa participar da pesquisa.

CONSETIMENTO PÓS-INFORMADO

Considerando que fui informado (a) dos objetivos e relevância do estudo proposto, de como será a participação, dos procedimentos e riscos, declaro que o meu filho (a) pode participar da pesquisa.

Assinatura do responsável e RG/CPF

AGRADECIMENTOS

À Deus por me dar forças e me segurar quando estava caindo.

Aos meus pais, meu noivo e meus irmãos, por me apoiarem e me ajudarem a chegar onde estou.

À minha orientadora e coorientadora, Profa. Dra. Maria Lúcia e Dra. Dalila Regina, respectivamente, por me auxiliarem e confiarem em mim.

À banca examinadora, Profa. Dra. Danielly da Silva Lucena e Dr. Paulo Cássio Alves Linhares.

A todos os docentes, servidores e funcionários da UEPB.

Aos colegas de curso, principalmente Ana Clara, Camila, Luana e Rayane, por me ajudarem nessa caminhada.

À Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Centro de Ciências Humanas e Agrárias (CCHA), Campus IV, pela oportunidade de cursar a Graduação em Agronomia.